

O DISCURSO ECLESIAL:

# FUNDAMENTOS DA VIDA

◆ Pe. Antonio Ferreira, cmf ◆

O capítulo 18 do Evangelho de Mateus é conhecido, na tradição cristã, como o “discurso eclesial”, pois reúne ensinamentos de Jesus Cristo voltados à convivência e à organização da comunidade dos discípulos. Trata-se de um ensinamento articulado, no qual humildade, responsabilidade moral, correção fraterna, autoridade e perdão aparecem intimamente relacionados. Todo o discurso converge para um objetivo central: preservar a comunhão da comunidade e promover a salvação de cada um de seus membros.

O discurso tem início com a pergunta dos discípulos acerca de quem seria o maior no Reino dos Céus (cf. Mt 18,1). Em resposta, Jesus rompe com os critérios habituais de prestígio e superioridade, afirmando a conversão como condição essencial para entrar no Reino. Ao colocar uma criança no meio deles, apresenta um novo modelo de grandeza, fundamentado na humildade, na simplicidade e na total confiança em Deus.

A partir dessa cena inicial, o capítulo desenvolve um encadeamento temático: o cuidado com

os “pequenos”, a gravidade do escândalo, a busca pela ovelha perdida, os procedimentos de correção e, finalmente, o perdão ilimitado. Trata-se de um movimento que vai do interior da atitude pessoal à estrutura comunitária, sempre orientado pela lógica da salvação.



**A figura da criança, apresentada em Mateus 18,2-4, possui um sentido profundamente teológico e não meramente afetivo. Ela simboliza a atitude daquele que reconhece a própria fragilidade, abandona toda pretensão de autossuficiência e se coloca com confiança diante de Deus**



Na interpretação dos padres da Igreja, essa passagem expressa uma transformação interior decisiva: a

lógica da ambição e da busca por prestígio é substituída pela humildade como fundamento da verdadeira grandeza no Reino dos Céus.

Além disso, Jesus associa o acolhimento da criança ao acolhimento do próprio Cristo (cf. Mt 18,5), indicando que a relação com os mais vulneráveis é critério de autenticidade da vida cristã.

Na sequência do discurso, Jesus faz uma advertência firme a respeito do escândalo (cf. Mt 18,6-9). O termo designa tudo aquilo que pode levar alguém a afastar-se da fé ou enfraquecer sua relação com Deus. A preocupação recai, sobretudo, sobre os mais vulneráveis, que podem ser atingidos pelas atitudes e pelos exemplos da própria comunidade, por isso, a convivência eclesial exige responsabilidade, atenção ao próximo e constante cuidado para que ninguém seja levado à queda.

Na parábola da ovelha extraviada (cf. Mt 18,10-14), evidencia-se o caráter pastoral do discurso. Rejeita-se considerar a perda como algo irrelevante; ao contrário, cada pessoa possui valor absoluto. A iniciativa do pastor que vai em busca da ovelha revela a



Imagem: O ministério terreno de Cristo na Bíblia Bowyer: Jesus abençoa crianças / Adobe Stock

prioridade da restauração sobre a exclusão. Essa perspectiva reforça o objetivo da comunidade que é o cuidado das pessoas, especialmente das que se afastam.

O ensinamento sobre a correção fraterna (cf. Mt 18,15-17) apresenta um caminho marcado pela prudência e pelo cuidado com a pessoa: primeiro o diálogo direto, depois a presença de testemunhas e, somente em último caso, a participação da comunidade. Esse itinerário revela que justiça e caridade caminham juntas no interior da vida cristã. A finalidade da correção não é expor ou condenar, mas favorecer a reconciliação e restaurar os vínculos rompidos. A gradualidade do processo procura preservar, ao mesmo tempo, a verdade e a dignidade de quem que errou.

Quando a recusa persiste, a orientação de tratar o irmão “como gentio e publicano” deve ser compreendida dentro desse contexto: não como exclusão definitiva, mas como reconhecimento de uma ruptura que precisa ser curada.

A expressão “ligar e desligar” (cf. Mt 18,18) relaciona-se à autoridade confiada à Igreja no cuidado da vida espiritual da comunidade. Esse poder não possui caráter arbitrário, mas deve ser exercido com discernimento, justiça e fidelidade à vontade de Deus. A autoridade, nesse contexto, encontra sua legitimidade no compromisso com a verdade e na busca da salvação dos fiéis, por isso, o exercício do governo eclesial é apresentado, antes de tudo, como serviço voltado à preservação da comunhão.

Nos versículos seguintes (cf. Mt 18,19-20), a oração comunitária é apresentada como fundamento da ação eclesial. A afirmação da presença de Cristo onde dois ou três estão reunidos em seu nome confere dimensão espiritual às decisões da comunidade.

Essa presença não é apenas simbólica, mas constitutiva: a Igreja age autenticamente quando permanece unida a Cristo.

O discurso culmina na questão do perdão (cf. Mt 18,21-35). A resposta de Jesus a Pedro rompe qualquer tentativa de limitar a misericórdia. O perdão deve ser constante, refletindo a própria ação de Deus.

A parábola do servo impiedoso evidencia a incoerência de quem recebe misericórdia, mas não a transmite.

No capítulo 18 de Mateus, a vida da comunidade cristã é apresentada a partir da reconciliação e da comunhão entre os discípulos. Humildade, cuidado com o próximo, correção fraterna, autoridade e perdão aparecem como exigências próprias de quem deseja viver segundo os valores do Reino de Deus. Esses ensinamentos formam um caminho de convivência marcado pela responsabilidade mútua e pela busca da unidade.

A comunidade é chamada a ser espaço de cuidado mútuo, fidelidade à verdade e misericórdia, onde cada membro é valorizado e conduzido à plenitude da vida em Deus. ●

#### Referências

BROWN, Raymond E. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 2004.  
FITZMYER, Joseph A. *O Evangelho segundo Lucas*. São Paulo: Paulus, 2006.